Concurso Literário – 2012
13ª edição
TRABALHOS PREMIADOS

Prémio Dr.ª Teresa Henriques (Poesia)

1ª Categoria (Ensino Básico)

1º Prémio

Mundo Ideal

E se um dia
Ao acordar
Visse tudo azul
Da cor do mar.

Pinceladas de alegria,
Colares de emoções,
Tudo distribuiria
Até às últimas povoações.

Água pura e cristalina
Num mundo sem maldade,
Jorraria das fontes
Para toda a humanidade.

Amor genuíno,
Amizade sem igual,
É o que desejaria a todos
Neste mundo ideal.

Sofia Costa, 8º1

2º Prémio

Futuro

O objetivo da vida,
Planeado por mim,
É como uma longa estrada
Que tem de ser percorrida
Até atingir o seu fim.

Quando ainda criança
Me fiz à estrada
Vi bem longe umas luzes de esperança
Que me puseram apressada.

Sem pestanejar,
Sem sequer para os lados olhar,
Seguia confiante,
Em breve seria um ser triunfante.

Agora que sou crescida
As luzes são mais luminosas,
Parecem envaidecidas
Por me aproximar, ansiosa.

Quando a minha meta atingir
Encontrarei aquilo que idealizei?
É necessário caminhar sem desistir,
Só quando chegar saberei.

Sofia Costa, 8º1

2ª Categoria (Ensino Secundário)

1º Prémio

Tropecei.
Não sei como, não reparei.
No chão, uma dúvida jazia,
No caminho que eu percorria.
Passo após passo,
Perseguia um abraço
E este fugia
Enquanto eu corria.
Uma pergunta deixou-se escapar,
Acabei por tropeçar,
Parar, escutar, levantar,
O caminho prosseguia sem cessar.
Ultrapassada pela vida,
Encontrei-me perdida.
Erguer espantada,
Levantar abraçada.
Tropecei,
Não sei como, não reparei.

Inês Ferreira, 11º6

2º Prémio

Esperança

Parte.
Do outro lado há alguém à tua espera.
Parte, voando,
Com asas de cristal atravessadas pelo sol
E ilumina o mar.
Parte gritando,
Que a tua voz, nos vales e montanhas
Faz um eco, eco, eco.
Mas parte, é urgente!
Aqui tudo acabou.
O mar está furioso,
As ondas uivam como lobos famintos.
E a noite, negra e lacrimosa
Vai descendo sobre ti
Com garras de fantasma.
É tarde, noite escura,
E tu deves partir.
Deixa este cais, este mar.
Onde o sol de tantas lágrimas se desfez
E parte, pássaro da esperança.
Porque do outro lado
Alguém te espera.

Carolina Marques, 11º1

3º Prémio (*ex æquo)*

O poeta e o amor

Sou um poeta limitado
Que apenas sabe falar de amor
Como jovem apaixonado
Os meus versos só falam de dor.

E que culpa é a minha de serem assim?
Culpem o amor!
Digam-lhe que devia ser mais feliz
E não guardar em si tanto rancor.

Um dia, canto uma melodia
Que diga quão amargo é escrever
Sobre ele e a sua máscara vazia,
Sobre a sua dor uma poesia.

Rita Alves, 11º 6

Maresia

O mar bravo devora a areia
Faz jus à ira de Neptuno
Leva conchas, barcos o que vem à teia,
Lava a mágoa, destrói tudo.

Temo este quadro negro
Tal como os antigos temiam.
Os mitos omitiam segredos
Deste mar e da sua ira.

Neptuno mergulha nas águas,
Liberta as ondas na maré vazia
Nas ruas corre uma certa tristeza,
O cheiro a maresia.

Rita Alves, 11º 6

Prémio Dr.ª Teodora Mourato (Prosa)

1ª Categoria (Ensino Básico)

1º Prémio

Crónica da velha tristeza

Os olhos já não são os mesmos, são agora embaciados como a janela para onde olham. Lá fora neve suja por entre as crianças sorridentes, com os seus gorros e cachecóis coloridos. Lá fora frio, o xisto já não protege e os ossos não têm piedade, diz ela. Gelam, como o coração. Coração de pedra, como o xisto que já não protege e deixa, por entre as frestas de pedra rachada, entrar uma brisa que a arrepia.

A lareira está longe, e quem lhe aquecia os ombros deixou também de lhe aquecer o coração. Foi, quem sabe
(Brincar com as crianças?)
ou talvez
(voltar a andar sem bengala, sem mim?)

E ali sozinha se contenta com uma manta velha, desgastada e deslavada, a cobrir-lhe as magras pernas. Essas, que dançavam o charleston e a valsa, o jazz e o tango, já nem ir à padaria a deixavam. Eram, como todas as memórias e amores perdidos, um peso que era obrigada a suportar.

Chegou então até à janela embaciada um rapazinho, dos seus cinco anos, cabelo castanho brilhante e um sorriso inocente, amoroso, um dedo no vidro e
(mas o que está ele a fazer?)
E vê-se então uma carinha sorridente a formar-se, a sua boca torta e exagerada, a beleza típica de um desenho de criança. Ela olha e tenta, durante horas, imitar com os seus lábios finos gretados e olhos foscos, aquela carinha. Lembrar-se, por um segundo, o que significava “ser feliz”.

Cinco dias depois, o rapazinho volta, com esperança de que a carinha feliz que desenhou ainda lá estivesse. Olhando para dentro da casa de xisto, lá estava ela, encostada às costas de uma cadeira de baloiço. Uma manta a cobrir as suas pernas magras. Pele branca como a cal, arroxeada nas articulações. Olhos foscos, sem cor. E, no meio de todo o horror, a morte, o sorriso mais bonito que já vira: O sorriso de quem descansa em paz.

Mariana Almeida, 9º5

2º Prémio

Zalna

Naquela serena e silenciosa tarde de verão, Rita estava no seu jardim a ler.

O intenso calor que se fazia sentir não a incomodava pois ela adorava o verão e, além disso, encontrava-se completamente compenetrada na leitura. A certa altura, algo perturbou a serenidade daquele maravilhoso local. Sentiu o chão estremecer a um ritmo que se assemelhava a passos. Ergueu a cabeça à procura de algo suspeito. A cabeça dela parecia um cata-vento, fazendo com que o seu cabelo, de um castanho dourado, saltitasse sem parar.

Do seu lado esquerdo viu duas pernas monstruosas por entre os pinheiros, que pertenciam a um enorme ser cor-de-laranja. Era uma criatura tão alta, que ultrapassava qualquer um dos pinheiros. Os braços e as mãos eram igualmente grandes. Tinha dois enormes olhos pretos, um nariz e uma boca sorridente. O seu cabelo preto estava apanhado numa grande trança.

- Rita…- chamou ele numa voz grave.

Ao ouvi-lo pronunciar o seu nome, ela sentiu um arrepio que a percorreu de cima a baixo.

- Não tenhas medo, não te quero fazer mal. - ela continuou estática. Encheu-se de coragem e decidiu falar com ele:

- Afinal quem és tu?

- Eu sou um mensageiro de Nazal, a minha terra natal. O meu nome é Lanaz.

- Pois bem, então que mensagem tens para mim? - perguntou Rita desconfiada.

- O reino de Nazal está em perigo de ser destruído para sempre…O maléfico Comanche ameaçou destruir o reino se não entregarmos todas as nossas reservas de azaln. Para destruir este terrível vilão só há uma maneira: utilizando a espada sagrada. Mas há um problema…Tu és a única pessoa que poderá ajudar o príncipe Naalz a procurá-la. Como tal, o teu contributo é crucial para salvar o reino.

- Hum … não sei … Parece-me tudo muito estranho e arriscado.

- Por favor Rita! És a nossa única chance! - Lanaz estava a ficar aflito.

- Está bem, eu ajudo-vos. Mas tens de me explicar melhor o que tenho de fazer.

- Sim, sim, eu explico-te no caminho. Muito obrigado princesa.

- O que me chamaste?!

- Ah … Rita, Rita! Muito obrigado Rita.

Rita ficou intrigada. Então, o mensageiro estendeu a mão. Rita subiu, ele colocou-a no seu ombro e começaram a viagem. Ela quis saber tudo sobre a sua tarefa e as reservas de azaln.

- Azaln é um pequeno fruto roxo, característico de Nazal, que dá força e vitalidade. Nas mãos de Comanche é muito perigoso pois ele tornar-se-á invencível e destruirá o nosso reino. - explicou Lanaz - Para nos ajudares terás de unir esforços com o príncipe Naalz para encontrarem a espada

sagrada. Terão de encontrar o mapa com a localização de um navio naufragado e lá irão procurar a espada.

- Porque é que tenho de ser eu a ajudar o príncipe? Provavelmente há muitas pessoas no reino que seriam capazes de o fazer! - disse Rita.

- Sim, mas … Tu mais tarde saberás. - respondeu Lanaz.

- Vá lá, diz-me! - pediu Rita.

- Eu não te posso dizer. E não insistas, por favor.

Chegaram à praia através de um caminho escondido por entre as dunas. Lanaz parou em frente a uma delas e tocou numa pedra que estava no chão. Ambos começaram a encolher, sendo sugados por um pequeno buraco. Segundos depois, encontravam-se num local completamente diferente, alegre, mágico. Era o reino de Nazal.

- Bem vinda ao meu reino, o reino de Nazal! - exclamou Lanaz.

- Obrigada - disse Rita simplesmente. Estava boquiaberta com aquele imponente mundo.

A rapariga reparou num pormenor interessante: à excepção dos mensageiros, os restantes habitantes de Nazal eram muito parecidos com ela.

- Vem, vou levar-te à família real - disse Lanaz agarrando a mão de Rita.

Andaram durante algum tempo emaranhados numa enorme floresta, por entre montes e vales. A certa altura, Rita avistou um imponente castelo rodeado por um fosso. Tinha quatro torres bem altas, cada uma com duas janelas decoradas com maravilhosos vitrais coloridos. Tal como o castelo, também a porta era grande, feita de madeira maciça e vigiada por dois guardas.

Assim que avistaram Lanaz, os guardas começaram a descer a porta, transformando-a numa ponte. Rita e o mensageiro atravessaram-na, entrando no maravilhoso castelo. A rapariga estava deslumbrada com o que via. Subiram uma enorme escadaria em direcção à porta principal do palácio. Ao entrarem, Lanaz guiou-a até ao rei Zaaln, à rainha Lazna e ao príncipe Naalz.

- Vossa majestade, esta é a Rita. - apresentou Lanaz fazendo uma vénia à família real - Já a pus ao corrente de tudo.

- Muito obrigado. Rita, apresento-te o meu filho Naalz. É com ele que irás trabalhar. Terão de resolver um enigma, de forma a encontrar o mapa - explicou calmamente o rei.

Então, Naalz levantou-se e fez sinal a Rita para que o seguisse e ela assim fez. Seguiram por um longo corredor, decorado com alguns quadros da família real. A biblioteca estava localizada ao fundo do corredor. Ao entrar, Rita sentiu aquele cheiro característico de livros velhos, que lhe agradava bastante. Havia enormes estantes repletas deles de alto a baixo e uma grande mesa antiga ao centro. Naalz desenrolou um pergaminho sobre a mesa. Nele estava escrito: “ *No túnel do tempo, atrás do presente. Escondido do mundo, mas à vista de todos*”. O que quereria dizer aquilo?

- Espera aí! O túnel do tempo deve ser o corredor! - deduziu Rita - Mas o que quererá dizer “ *atrás do presente*”?

- E se o mapa estiver escondido atrás de um quadro? - tentou Naalz.

- Mas qual? - perguntou a rapariga pensativa.

- O do meu pai! - exclamou Naalz entusiasmado.

Saíram os dois a correr em direção ao quadro e lá estava o mapa preso na parte de trás.

- Vejam como foram rápidos! - exclamou o rei com um sorriso ao vê-los regressar.

- Sim, mas agora não há tempo a perder! - respondeu Naalz - Vamos partir de imediato.

O rapaz guiou Rita até ao cais e embarcaram. O pôr-do-sol transmitia uma tonalidade cor-de-laranja ao céu e um brilho fantástico ao mar.

Na manhã seguinte, Naalz e Rita já estavam no local indicado pelo mapa. Vestiram os fatos e o príncipe trouxe dois frasquinhos, um para ele e outro para Rita.

- Mas o que é isto? – perguntou Rita desconfiada.

- Não te assustes. É só uma espécie de poção que te vai permitir respirar debaixo de água.

Mergulharam até ao barco naufragado e iniciaram a busca. Estava Rita a nadar calmamente quando sentiu um estranho reflexo nos seus olhos. Continuou a nadar naquela direcção e lá estava a espada presa na parede de madeira do barco. Pegou-lhe e tentou puxá-la mas o seu esforço foi em vão, a espada nem se mexeu. Então decidiu ir chamar Naalz para a ajudar. Assim que os dois a agarraram, a espada emitiu um brilho e soltou-se. Rita achou aquilo muito estranho mas nada disse. Os jovens nadaram até à superfície com alguma dificuldade devido ao peso da espada e, ao chegarem, a viagem de regresso foi iniciada. Rita e Naalz estavam cansados, por isso deitaram-se na proa do navio a conversar. Foi então que Rita teve coragem de perguntar o que há muito tempo lhe pairava na cabeça.

- Naalz, explica-me uma coisa. Porque é que tive de ser eu a ajudar-te em vez de outra pessoa do reino? Diz-me a verdade por favor.

- Bem…Diz a profecia que só dois jovens da família poderiam recuperar a espada sagrada.

- Mas eu não sou da família real! Porque é que…

- Hey! Deixa-me continuar. Há cerca de 100 anos, a rainha tinha dois filhos, e foi então que nasceu mais uma rapariga. Nessa altura, se depois do sucessor nascesse uma rapariga, ela seria morta. Foi por isso que a rainha enviou a sua filha para o universo paralelo, o mundo dos humanos. A bebé chamava-se Zalna. Neste momento, não há nenhum jovem na família real que me possa ajudar. Como no mundo dos humanos o tempo passa muito mais devagar do que aqui em Nazal, após os 100 anos tu ainda és jovem tal como eu. Tudo porque tu és Zalna, a filha da rainha.

Rita estava estupefacta, de boca aberta e com os olhos esbugalhados, sem conseguir articular uma única palavra.

- Mas como … como é isso possível? - balbuciou ela ao fim de algum tempo.

Foi nesse momento que Rita abriu os olhos. Olhou em redor completamente baralhada. Estava de volta ao jardim, com o seu livro ao colo. Teria estado a sonhar? O que se tinha passado? Pegou no livro e, no topo da página em que estava aberto dizia: "*Conseguimos vencer a batalha. Muito obrigado por tudo*".

Ana Margarida Rodrigues, 9º1

2ª Categoria (Ensino Secundário)

1º Prémio

Na casa onde todos vivem às escuras habitam três pessoas: três os seres humanos que não conhecem luz. Podíamos nós pensar que, possivelmente, devido a uma mal formação congénita, sendo estes aparentados, haviam nascido privados do sentido da visão e tal não se verifica.

Que infortúnio este! Tão boa família, de valores… e instalou-se o mal naquela casa., comentam as vizinhas.

Dona Amélia, mãe de seu filho e mulher de seu marido, sempre fora considerada o pilar daquele lar. Tinha, no entanto, vindo a perder a visão desde tenra idade. Tal pureza a sua quando o inevitável se dera, que já não lhe permitia a memória a reminiscência dos louros campos quando o Sol ousava espreitar. Desde então, toda a sua vida tem vindo a ser uma negra, porém feliz, ausência de cor.

Seu marido, afirmam os médicos, é fotofóbico. Que coisa mais estranha! Recusa-se a sair daquela fundação de alicerces já gastos – não calha a vir uma tempestade e toda a fundação desaba -, e que ninguém se atreva a permitir que o intenso brilho se esgueire por uma janela, que lhe afloram na pele uns suores frios e todo o corpo lhe treme.

Devido à sua rara condição, pouco se vê dele, talvez num passeio nocturno dêmos de caras com este honesto homem. A nossa memória demorar-se-á um pouco a reconhecer estas estrangeiras feições e, quando finalmente a associação se der, aperceber-nos-emos que já havíamos esquecido a existência de tal indivíduo.

Não dando a mulher pela ausência de luz e tendo o marido horror a esta, o filho fora criado num ambiente de quase total escuridão. Luz só eléctrica e não mais do que a estritamente necessária para a realização das básicas tarefas diárias, que, no final do dia, precisamos estar de estômago cheio e pele lavada.

Se lhe perguntarmos como consegue ele viver em tais condições, responder-nos-á que não tem ideia, que nunca viveu de outro modo que não aquele. Devido a este seu estilo de vida começou até a ter alguma aversão à claridade; nada de extremo, no entanto, que dentro dos possíveis até faz a sua vida. Não se decida ele um dia a sair de casa e na escuridão permanecerá.

Na casa onde todos habitam, três os seres humanos que vivem às escuras.

Que infortúnio este! Tão boa família, de valores… e instalou-se o mal naquela casa, comentam as vizinhas que, sem se aperceberem, comentam também o mal que lhes bate à porta.

Maria Ribeiro, 12º2

2º Prémio

Perfeito Abismo do Amor

A magia da noite, a magia que cada simples objeto pode ter. A magia de um olhar, de uma eternidade, de uma memória, a magia de um amor, a magia e mistério do imortal, o encantamento pela vida e pela morte, a da própria existência, a magia do sol, na tarda luz, sorrindo à vida, a magia de um silêncio na despedida, a magia de uma flor, a magia de uma ausência, de uma tristeza por entre as sombras, a magia de uma lágrima, de uma alma, de uma luz por entre um mistério, a magia de uma música, a magia dos sonhos e das vozes, a magia de um canto que ascende em êxtase, a magia da luz e da poesia, da harmonia, da quimera, a magia do renascer, do amor ser fim, a magia da eterna melancolia, a magia do nada e do infinito, a magia de um místico gesto e de um olhar profundo a magia das tardes, a magia de uma tela viva presa a uma memória, a magia do pensamento e do final, a magia de um sol apenas no poente, a magia da fé a certeza de um clarão divino, a magia dos lírios entreabertos, de uma saudade que flui, a magia da essência e do perfume, a magia do inesperado e do destino, dos lamentos feitos ao vento em imagens do passado, a verdade da ilusão, a magia do passado e a esperança de um futuro.

Chiara Oliveira, 11º6

3º Prémio

Entretanto, vamos beber um café

Precisamente três anos após a morte da sua mulher, Sebastião encontrava-se sentado defronte da janela do seu quarto, mais vazio que o habitual. Ganhara este hábito desde a partida do seu filho Bernardo que, após a morte da sua mãe, resolvera afastar-se por um tempo, não com o intuito de esquecer a sua morte, mas sim com o propósito de não recordar a sua vida.

Sebastião aproveitava os raros raios de Sol de Janeiro, vislumbrando de forma nostálgica, um edifício velho, castanho, concebido puramente em mármore. Fora ali, outrora, que conhecera Clara, o seu único amor – alta, cabelos louros, compridos, possuidora de uns olhos cor de mel cativantes, capazes de reter a atenção do ser mais distraído (Sebastião nunca fora dotado de uma grande concentração, chegando mesmo a ser conhecido por motivos opostos). "Como é que eu fiquei assim?". Questionava-se num dos seus inúmeros momentos de reflexão. Sebastião tinha plena consciência que era ridículo se se sentisse de outra maneira e, de certa forma, injusto, pois era a única pessoa que amou e que continuava a amar. Já há muito tempo que não comia, passando, então, dias sucessivos a dedicar-se à escrita … Dedicava-se à escrita de carácter pessoal que visava sobretudo o seu passado que, para ele, era o único tempo existente. Marcava-o de tal maneira pois ainda era feliz, ainda sonhava.

Apesar de tudo, Sebastião não sentia saudade da sua antiga vida. A sua escrita chegava para viver novamente todos os momentos passados. Permitiam-lhe fugir à realidade. Os raios de Sol já tinham desaparecido, e com ele levou a paisagem. Tinha descido quatro graus e até o quarto estava escuro, apesar das luzes ligadas. Sebastião preparava-se para dormir… mais precisamente para sonhar. Os sonhos de Sebastião, agora e mais que nunca tornaram-se cada vez mais necessários, pelo simples facto da realidade se ter tornado muito mais cruel a cada momento que passara.

Desfez a cama, deitou-se, apagou a luz. A campainha tocou … Sebastião estremeceu. Já há alguns anos que não ouvia aquele som, mais precisamente há dois anos. " Quem será?" pensou ele, ansioso mas também receoso. "Talvez fosse melhor não abrir a porta". A campainha voltara a tocar. Resolveu espreitar à janela. Desviou a cortina ligeiramente e fez o inevitável, espreitou.

À sua porta, um pouco inquieto, estava um jovem alto de cabelos louros. Tinha consigo uma camisa às riscas verde o que o camuflava com o cenário exterior, repleto de vegetação. Era o seu filho, Bernardo, tinha voltado, talvez para ficar, talvez temporariamente. A causa da sua partida não tinha sido a melhor, pois deveu-se a uma discussão com Sebastião, o que fez com que este último lhe ordenasse que, após a sua partida, nunca mais usasse a chave de sua casa. Foi por isso que Bernardo apenas tocou à campainha. Sebastião, cheio de remorsos após a partida do seu filho, correu para a porta, com um ligeiro sorriso, mais feliz do que aparentava estar. Não conseguia abri-la. Tentou com mais força. A porta não se moveu. Ficou desesperado "O

que me está a acontecer?", "Perdi a força?", "Que raio se passa?"- pensou ele naquele momento. Tentou novamente. O esforço era inútil, a porta permanecia quieta. A aflição encarregou-se do resto e desesperadamente gritou "Não consigo abrir a porta, espera um pouco, estou a tentar". Espreitou pela janela e seu filho olhava cabisbaixo para o chão parecendo não o ouvir. Ouviu novamente a campainha… Juntou todas as forças que possuía e foi de encontro à porta, tentando destruir a irredutível mas frágil separação entre o filho e ele. O esforço tinha sido demasiado para o seu corpo aguentar e de seguida sentiu a dor no ombro, ao mesmo tempo que desmaiou.

- Então, Sr. Sebastião? Vamos tomar a medicação? Ontem teve um dia bastante agitado ! Deixe o ombro, já está a sarar e com o resto da medicação, hoje vai ter um dia calmo. Sebastião tomou seis comprimidos que lhe ofereciam e voltou a encostar a cabeça na almofada olhando para o teto. A porta fechou-se. Cá fora Joaquim, o enfermeiro, entregou à sua colega a ficha clínica de Sebastião.

- Pobre coitado, está cada vez está mais distante! Se isto continuar com ele a atirar-se às paredes e a magoar-se, teremos que o transferir para uma cela almofadada ou prendê-lo à cama. Não lhe dou muito tempo… desde que entrou há três anos tem vindo a piorar, enfim…

A colega encolheu os ombros e exclamou:

- É para isso que existem os manicómios, se assim não fosse estaríamos no desemprego… Tenho uma pausa de 15 minutos, vamos beber café?"

Leonor Abrunhosa, 11º2